

Textos escogidos

De Karl Polanyi¹

Campus / Rio de Janeiro, 2000

|| Pedro Cláudio Cunha Bocayuva

ECONOMIA E DEMOCRACIA NUMA SOCIEDADE COMPLEXA

“Um tal padrão institucional não poderia funcionar a menos que a sociedade fosse subordinada, de alguma forma, às suas exigências. Uma economia de mercado só pode existir numa sociedade de mercado” (K. Polanyi em “A grande transformação”. Pág. 93)

A leitura e síntese na longa duração recebe em Karl Polanyi a elegante solução que vem sendo apropriada na crítica ao mercado autorregulado da era neoliberal. Na forma de uma (quase) metáfora, “A grande transformação” descreve a ascensão e a crise da sociedade liberal, com os fenômenos extremos que desencadeia com a sua sede de universalização. As guerras, as revoluções e o fascismo marcam a tensão que transforma as relações internacionais. Nesta obra, temos um trabalho de pesquisa e reflexão sobre a formação do mundo contemporâneo que se inscreve entre as obras que têm merecido uma releitura na atualidade em função do pensamento único. O retorno à leitura da obra de Polanyi é mais do que um pé-de-página na economia política e nas teorias críticas que se dedicam

aos estudos de temas internacionais e às questões do desenvolvimento. A leitura antropológica da formação dos intercâmbios, a leitura política da separação entre economia e política e a imposição da lógica de destruição permanente do capitalismo exigem uma releitura teórica e metodológica a partir das pistas e dos caminhos deixados por Karl Polanyi. De modo que possamos interpretar as novas condições internacionais em que se retoma a utopia ultraliberal, o seu modelo de análise dos conceitos que sugeriu precisam ser tensionados antes de reaplicados nos cenários históricos emergentes de formação, crise e transformação pela reafirmação do projeto da sociedade liberal.

Apoiado em princípios democráticos radicais, inspirado pelo estudo do cristianismo, informado pelos estudos das instituições que organizam o modo de produção, Karl Polanyi fez um longo périplo entre o exílio e os grupos intelectuais de esquerda independentes. Mantendo sempre sua coerência humana, afetiva e política, cuja força podemos sentir ao ler os dados de sua biografia.

Nasceu na Hungria, onde realizou sua formação e os engajamentos iniciais que inspiraram uma vocação que se aprofundou no exílio, na Áustria, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Aperfeiçoando sua vocação de educador político, praticando um tipo de pedagogia da liberdade voltada para a classe trabalhadora, combinando a difusão de valores socialistas e cristãos com o trabalho de formação cultural que combinava conteúdos sociológicos, com a afirmação de uma leitura contrária ao determinismo econômico. Mas, até agora, havia uma lacuna para um uso mais consistente da leitura da vida e da obra

1. Com estudos introdutórios de Jean-Louis Laville, Marguerite Mendel, Kari Polanyi e José Luis Coraggio. Buenos Aires: Los Polvorines e CLACSO, 2012. Pág. 352.

de Karl Polanyi (1886-1964), que em parte começa a ser preenchida com a edição de novos textos e com os Seminários Internacionais que reúnem os estudiosos de sua obra, como o que ocorreu no ano de 2012, na Universidad Nacional de General Sarmiento, em San Miguel, na Argentina. Os debates no nosso subcontinente têm se realizado sob a batuta de um dos principais estudiosos das questões teórico-críticas do desenvolvimento latino-americano, o formulador de um projeto de formação política e discursiva, a partir da noção de uma “outra economia”, o professor J. L. Coraggio. Vemos na edição de Textos Escogidos um Polanyi situado mais ao Sul, no universo da crítica à colonialidade, que se fortalece por meio dessas leituras, sem perda da sua visão do modo adequado de realização e reinvenção institucional, articulando economia e política no contexto da expansão mundial da modernidade, tendo em vista a centralidade da periferia como tema histórico-geográfico, antropológico e epistêmico.

O debate europeu sobre a economia social e solidária e o debate latino-americano sobre a economia solidária e a autogestão têm sido um campo fértil para a redescoberta da importância dos estudos e experiências de empreendimentos cooperativos, assim como do pensamento dos vários socialismos utópicos e heterodoxos. Segundo Jean-Louis Laville, a articulação de autores como Marcel Mauss e Karl Polanyi permite pensar a economia plural e mesmo o avanço da democracia. Esses autores servem de inspiração e são resgatados ao longo dos trabalhos de reflexão do movimento antiutilitário e do resgate do associativismo como formas de reconstrução dos projetos afirmativos da noção de sociedade pela via de uma economia com base na pluralidade, na reciprocidade e na redistribuição. Jean-Louis Laville, ao lado de José Luis Coraggio, tem sido um grande animador dessa confluência de fontes de inspiração renovadoras, que entre nós tem sido alimentada pela via

da autogestão e da utopia militante pelo professor Paul Singer. Por isso, devemos aproveitar o impulso dado pela publicação de Textos Escogidos/Karl Polanyi pela Universidad Nacional de General Sarmiento e Clacso. Um trabalho organizado por Marguerite Mendell, Kari Polanyi (com seu apoio decisivo) e por Coraggio e Laville. Os quatro assinam os textos introdutórios que compõem a primeira parte da obra. As duas primeiras organizadoras, Kari Polanyi e Marguerite Mendell, apresentam um texto conjunto sobre a vida e a época onde podemos descobrir um homem extraordinário, Karl Polanyi, que deixa aos poucos de ser uma figura desconhecida. Um intelectual independente e de certa forma militante, que pela via do trabalho de formação das classes trabalhadoras e de sua memória das lutas dos movimentos sociais e políticos na Europa soube colocar as grandes questões internacionais de sua época, clarificando, numa linguagem bastante própria, os temas práticos, a abstração teórica e uma vasta erudição. Os dois organizadores, Laville e Coraggio, situam o contexto de assimilação e interpretação da obra de Polanyi, a partir dos desafios dos movimentos sociais e das experiências com as quais se relacionam de maneira engajada na atualidade, o sentido do seu resgate de Polanyi se dá de diferentes ângulos e contextos de leitura na universidade e junto aos movimentos de economia solidária.

Mas o fundamental é indicar a importância analítica, metodológica, histórica e política dos ensaios de K. Polanyi contidos na segunda parte dessa publicação. As instituições são organizadas a partir de convenções construídas pelas ações humanas definidas na dominância dos processos e relações sociais. Polanyi desenvolve uma alternativa teórica ao individualismo metodológico, supera os limites dos tipos ideais e rompe com a leitura economicista, pela via da reconstrução etnográfica, histórica e principalmente etimológica. Usando os recursos

da leitura arqueológica, histórica e antropológica, seu misto de ciências sociais e humanidades possui uma extraordinária originalidade sem perda de senso de realismo. Uma vez que realiza o aprofundamento da leitura do que a economia na relação com o que é o domínio do mercado, a partir da identificação das variantes de comércio e intercâmbio, passivo e ativo, de elite e na base da sociedade. Ao contrário de simplificar esse caminho que torna complexa a leitura das distintas sociedades, comunidades, grupos, estados e impérios, definem os contornos para uma abordagem metodológica que pretende indicar o caráter misto de formas e modos de produção, ao lado de uma politização que se projeta desde a era pré-capitalista aos contornos de uma crise que aponta para possibilidades de progressão pacífica, após a Segunda Guerra Mundial, para a passagem e continuidade do longo curso da revolução democrática na direção das formas institucionais e do planejamento nos marcos de um socialismo. Somente a superação do quadro de tensão que leva do individualismo ao liberalismo e desse ao fascismo, estabelecendo outra progressão que articula a percepção cristã comunitária, o individualismo e a democracia na direção do socialismo é que se pode evitar a vitória do fascismo e do totalitarismo, que nascem no quadro de polarização e extremos dado pela guerra e pela revolução. A teorização sobre o comércio e sobre a moeda permite esclarecer a forma como a visão de Polanyi da economia se monta desde outra época e lugar. A economia relacionada com a dimensão do qualitativo e das relações redistributivas sem separação, como instituição que se articula na ordem do político e no horizonte que combina liberdade e igualdade. Dessa forma, Polanyi nos ensaios fortalece a sua crítica ao processo de alienação que se aproxima das vertentes da teoria crítica frankfurtiana. Na relação com a questão da tecnologia como um condicionamento, está presente uma crítica da razão instrumental.

No curto espaço de uma resenha, preferimos destacar a importância dos ensaios publicados na Argentina para aprofundar a informação biográfica, a perspectiva da leitura crítica na direção da formulação de alternativas para a superação dos riscos inscritos no retorno ao neoliberalismo globalizante e na possibilidade de definir uma antropologia econômica e cultural capaz de dialogar com as teorias das convenções, da regulação e do estruturalismo. Releituras importantes sobre a experiência socialista e a relação com o mercado, sobre a relação entre democracia e socialismo, que se colocam em conflito direto com programas socialistas convencionais, encontram apoio nos textos datados do pós-guerra que fazem parte dessa coletânea. De certa forma, Polanyi interrogou a conjuntura internacional do pós-guerra à luz de modelos políticos e econômicos, com ênfase na possibilidade de constituição de um mundo mais multilateral, por força da impossibilidade de uniformização e homogeneização a partir do modelo norte-americano, por demais preso ao paradigma liberal. Percebia na regionalização do socialismo real soviético e na regionalização do modelo europeu um caminho mais adequado para evitar as consequências nefastas de trajetórias universalistas que desembocaram nas guerras mundiais, no fascismo e no estalinismo. Na opção pela planificação e nas possibilidades de avanços democráticos vislumbrava uma combinação que poderia aproximar, por exemplo, a Grã-Bretanha trabalhista de uma URSS sem Stalin.

A descolonização e a difusão dos anseios da modernidade de liberdade e igualdade pelo mundo, a fadiga e o medo da guerra, o temor do terror nuclear, a concorrência e a coexistência entre os blocos capitalista e socialista, o aprendizado com os excessos do padrão-ouro deveriam ser superados na articulação entre uma nova economia regional e um modelo político que dessem continuidade ao experimento europeu com base na relação entre

progressão e ampliação da democracia e a realização do socialismo, as citações da experiência da Viena Vermelha, as nacionalizações e o Estado social na Inglaterra e a valorização da extraordinária inventividade de antecipação de Owen aparecem como elementos para a definição desse elo entre liberdade e igualdade tão difícil de ser realizado nos ciclos revolucionários, nos distintos séculos e países. Alguns dos parágrafos de Polanyi fazem sínteses monumentais e de rara inteligência, como a que faz nas digressões sobre a Revolução Puritana e a Gloriosa na Inglaterra do século XVII, a da Revolução Norte-Americana e da Guerra de Independência e a da Revolução Francesa. Estabelecendo as relações e distinções entre relações de classe, forças políticas e graus de radicalidade, em que define os períodos ditatoriais e as experiências instituintes do poder revolucionário. Entre o modelo popular jacobino e o proletário soviético, na sua distinção com os aspectos aristocráticos e liberais do experimento inglês.

A análise dos temas e das formulações do pensamento fascista e nazista, na combinação entre anti-individualismo e anticristianismo, coloca essas duas vertentes e princípios da visão de mundo constitutiva da sociedade como comunidades mais próximas do socialismo. Nesse sentido, o pensamento de Polanyi se antecipa tanto na formulação de uma articulação entre indivíduo e sociedade, como serão feitas pelo existencialismo sartreano, pela escola marxista húngara, pelos gramscianos e pelos frankfurtianos. O indivíduo se articula na relação emancipatória, como sujeito na constituição da dimensão e do projeto social, pela via da valorização da política, pela valorização da democracia, como princípio, como meio e como regime que parte do experimento associativo na base da vida social, com fundamento na cooperação e nas marcas da reciprocidade e da redistribuição, que rompem com o egoísmo e interesse como fundamento da vida em sociedade. Polanyi exacerba o plano dos valores para além do

determinismo da escassez dada pela mercadorização do mundo presente na aposta mercantil universalista, libera o individualismo da esfera burguesa e recoloca-o no seio da comunidade de igual tão característica das versões que antecipou de uma nova leitura da teologia, do cristianismo que conheceríamos como uma das respostas ao neoliberalismo do final do século, com a chamada teologia da libertação. As muitas sugestões e sutilezas de trabalhos tão variados de reconstrução conceitual, de análise de contexto, de leitura crítica de ideologias servem de aparato para abrir os estudos nas ciências sociais e nas humanidades, que conseguem tocar e prenunciar questões que retornaram.

Quando Polanyi dizia como poderíamos superar os riscos de repetição do ultraliberalismo, do nacionalismo e do fascismo, através de um modelo político que nasceria do diálogo Leste-Oeste e do resgate das experiências socializantes, num mundo com múltiplos recortes regionais, sua audiência era muito pequena. Será que agora que a audiência de Polanyi aumenta, suas respostas e proposições podem ter o mesmo valor que suas análises e críticas? Será que, para escrevermos a obra coletiva sobre a atual grande transformação do capitalismo global, poderemos aproveitar parte da metodologia qualitativa, da antropologia e da política definida por Karl Polanyi de modo a resgatar os lemas das revoluções democráticas com base nas grandes ações de massas voltadas para a autodeterminação econômica, pelo associativismo, pela cooperação, pela autogestão? A centralidade da questão da superação do determinismo do moinho satânico do mercado global só pode ser enfrentada pela redefinição do modelo cívico político, como modelo fundado na rearticulação político-cultural do sentido da economia, com fundamento numa estratégia de criação de instituições capazes de combinar as conquistas do Estado social com as práticas de cogestão e autogestão. Para o que as

noções de democracia e a liberdade estão no centro do conceito de socialismo, entendido como uma forma superior de realização do desenvolvimento humano, em que o livre desenvolvimento de cada um(a) é condição para o livre desenvolvimento de todos.

§